

e entranhada vocação da vida de campo. Don Eduardo teve enorme influência no ensino de sucessivas gerações e depois de jubilado, retirado na tranquilidade do seu *pueblo* estremenho, escreveu as suas obras mais extensas e mais importantes: uma longa *Fisiografía del Solar Hispano*, outra um atraente estudo das relações da História com o seu marco natural — *El Solar en la Historia Hispana*. *Hispana* e não *Espanhola* porque o autor, utilizando criteriosamente a bibliografia sobre Portugal e numerosas viagens viu de facto a Península Ibérica como uma indissolúvel unidade — exemplo que em vários trabalhos será seguido. Mas o discípulo e continuador mais fiel de Don Eduardo foi FRANCISCO HERNÁNDEZ-PACHECO, cujos trabalhos tanta vez recordam «mi padre y maestro». Imagino-o de menino acompanhando o pai que, em marchas e conversas, lhe robustecia o corpo e o espírito e o iniciava no amor e no estudo da Natureza.

Como o catalão SOLÉ SABARÍS, um pouco mais novo, cultivou simultaneamente a Geologia e a Geomorfologia, não desdenhando mesmo a Geografia regional: SOLÉ escreveu um livro sobre os Pirenéus, PACHECO o longo capítulo sobre a Estremadura na *Geografía de España y Portugal* dirigida por MANUEL TERÁN (tomo IV, 1.º).

FRANCISCO HERNÁNDEZ-PACHECO nasceu em Valladolid em 1899, onde seu pai era professor, mas fez os estudos secundários e superiores em Madrid, adquirindo, como Don Eduardo, uma vasta formação de naturalista, a que não era estranho o estudo do homem pré-histórico, então em pleno florescimento. Depois de um doutoramento brilhante (1929) obteve, em 1933, a cátedra de Geografia Física da Universidade Central, onde há muito seu pai ensinava Geologia. Em países onde é preciso alargar pelos arredores da própria ciência a curiosidade indagadora e onde tanto está por fazer, é esta a melhor formação do geógrafo, que ou é homem de campo ou compilador mais ou menos hábil de doutrinas alheias.

A obra de FRANCISCO HERNÁNDEZ-PACHECO é muito vasta e revela tanto um espírito de larga curiosidade como o manejo seguro de métodos de investigação muito diferenciados: Fisiografia, Geologia, Tectónica, Paleontologia, materiais de construção, relações entre as condições naturais e o aproveitamento agrícola, especialmente o regadio, entre o clima e a casa rural, etc.; num estudo sobre o paludismo revelou-se um precursor da Geografia médica.

É impossível referir aqui sequer os seus trabalhos principais, desde a tese *Estudio de la Región Volcánica Central de España* (1932) até às investigações sobre as serras centrais da Estremadura e os extensos derrames de *rañas* que as marginam (*CR Congrès International de Géographie de Lisbonne*, 1949, tomo III, onde foi vice-presidente da Secção de Geografia Física). Mas os seus interesses não se limitaram à incomparável variedade da terra peninsular. Em companhia de seu pai e de outros naturalistas estudou o Sáhara espanhol, que lhe permitiu colher ao vivo processos de aridez que dominaram no Villafranquiano peninsular. A Marrocos espanhol, de estrutura tão complexa que condiciona largamente a evolução morfológica dominada por erosão vigorosa

## FRANCISCO HERNÁNDEZ-PACHECO

Quando era aluno da Faculdade de Letras de Lisboa, por 1930, ouvi, numa sessão do Congresso da Associação Luso-Espanhola para o Progresso das Ciências, uma bela conferência do professor HERNÁNDEZ-PACHECO sobre o litoral da Península Ibérica. Don Eduardo era homem de meia idade e bela presença, realçada por uma barba abundante. Quem lhe passava os diapositivos era um jovem com ar doce e tímido, que depois vim a saber que era seu filho.

Há meio século a situação da Geografia em Espanha não era brilhante, ensinada nas Faculdades de Filosofia e Letras por professores de gabinete, inteiramente subordinada à História, única matéria em que havia doutoramento. Não admira pois que os pioneiros da Geografia espanhola tenham sido geólogos, com sólida formação de naturalistas

(5) São Paulo, 3-X-1974.

e extremamente rápida, consagrou também alguns trabalhos importantes. O discurso de recepção na Universidade Central de Madrid em 1943 é uma síntese luminosa da Geografia física dos territórios espanhóis extra-peninsulares. A Guiné continental espanhola e as ilhas de Fernando Poo e Anobom familiarizaram-no com o ambiente equatorial, quente e húmido. Embora catedrático de Geografia Física, deu sempre a maior atenção às condições estruturais e fez muito trabalho de geólogo, já levantando folhas do mapa a 1:50 000, já acompanhando como perito algumas obras de engenharia. A sua preocupação de desbravar terreno levou-o a escrever mais de um cento de artigos, ricos de factos e de ideias, mais do que ousadas e insuficientemente documentadas interpretações de conjunto; a sua lição consiste em não ter pressa de aceder a conclusões brilhantes, tantas vezes precárias. A sua vasta obra merecia ser reunida, já que a doença dos últimos anos não lhe permitiu, como seu pai, condensar e ampliar os próprios trabalhos.

As características fundamentais da sua maneira de trabalhar parecem-me antes ser o gosto pioneiro de abarcar matéria nova em grandes quadros de conjunto; não obstante, a observação é conduzida sempre com minúcia e rigor e tanto quanto possível completa. HERNÁNDEZ-PACHECO nunca supria por uma hipótese, por mais sedutora que fosse, o exame sereno, objectivo e completo dos factos. Por isso a *evidência*, no sentido que a palavra tem na linguagem científica inglesa, tem sempre maior peso que a interpretação. Esta existe, mas dentro dum quadro de rigor e de clareza, modelo de método e de exigência na condução do raciocínio. O *à peu près* é excluído com tanto vigor como a fidelidade à contensão interpretativa. Não há, nas inúmeras explicações propostas, nada de confuso, de abstruso, de contraditório. Uma obra assim travejada desafia o tempo. Tal como a maior parte dos trabalhos de Don Eduardo, os de seu filho foram concebidos para durar. Cinquenta anos de labor científico, a abertura de muitas sendas novas, explicações entrevistas, têm como consequência — e felizmente — o aprofundar de certos temas, o contraprovar dos processos da Geomorfologia clássica pelo estudo do clima, da sedimentação, da micropaleontologia, quer se trate de pólenes quer de dentes de roedores. Os processos cíclicos não estão em causa, antes constituem uma aquisição definitiva da Ciência — se é lícito falar assim. Mas métodos novos vêm permitir maior grau de precisão e resultados com uma margem mais apertada de certeza. É importante notar que o Prof. HERNÁNDEZ-PACHECO, se permaneceu fiel às suas vastas prospecções, suscitou vocações de discípulos que seguiram por novos trilhos. E esta é, creio eu, a marca do verdadeiro mestre. Faleceu no fim do ano de 1976 mas grave doença há algum tempo o impossibilitava de trabalhar, depois de ter ocupado cargos prestigiosos e recebido as maiores distinções da Espanha e da América.

Duas palavras mais sobre a sua atraente personalidade humana. Don Paco para os alunos e colaboradores mais novos que lhe dedicavam afecto filial — «Lo quiero tanto como a mi padre!», disse-me um deles —, Paco para os companheiros mais próximos da sua idade, a quem, à maneira espanhola, tratava afectuosamente por tu, era um homem de

rara generosidade que trazia impressa no rosto, onde uma sombra de melancolia não ocultava o bom humor, o gosto de um chiste ou uma crítica sem mordacidade.

No Museo Nacional de Ciencias Naturales, de que foi director, passava a maior parte do tempo, sentado ao estirador, redigindo ou desenhando mapas. Este estranho «despacho» não tinha portas e era um lugar de passagem. O professor estava sempre disposto a arredar o trabalho para atender quem lhe pedia uma informação ou um conselho. As vezes ouvia-se a gargalhada sã com que se celebrava um bom dito. Mas, imediatamente depois da interrupção, se absorvia no trabalho, que o ocupava até altas horas. HERNÁNDEZ-PACHECO era o mais competente e o mais solícito dos guias. Beneficiei de um estágio de algumas semanas no seu laboratório, de uma excursão de professores e alunos a Marrocos espanhol, que corremos de ponta a ponta, em que participei com Don Eduardo, jubilado mas entusiasta e vigoroso tanto nas marchas como nas discussões. Alguns estudantes já mostravam onde os levariam vocação e inteligência: ALÍA MEDINA, FÜSTER CASAS, hoje catedráticos distintos. Um jovem aluno de «bachillerato», que pensava estudar Química, ALFREDO HERNÁNDEZ-PACHECO, ensina também hoje na Faculdade de Geologia e prossegue a dinastia de naturalistas que, entre nós, peninsulares, raras vezes tem esta continuidade. Dedico-lhe estas comovidas linhas sobre o seu pai e mestre, pois a nossa amizade era tão íntima que Alfredo partilhava o quarto do pai e eu o de Don Eduardo, dormecendo sempre sobre os problemas de Geografia e de Geologia peninsulares que me preocupavam e ele elucidava com a sua imensa experiência e generosa erudição. Esta intimidade deu-me o perfeito sentimento de uma comunidade ibérica, onde um português não se sente mais diferente de um castelhano de que este de um catalão ou dum galego.

Tanto mais que os Pachecos conheciam e amavam Portugal. Antes da guerra civil muita gente das províncias centrais de Espanha vinha passar o Verão às praias portuguesas, que lhe ficavam mais perto que as do Mediterrâneo e do Cantábrico e onde a vida era mais em conta. Don Eduardo tratou sempre com proficiência os seus temas no quadro peninsular, mostrando-se excelente conhecedor da bibliografia e da terra portuguesa. Don Francisco já não encontrou, com a guerra civil, a guerra europeia e o endurecimento das fronteiras, as mesmas facilidades de trabalho. Atraíam-no também as terras de Marrocos e Colónias, a que consagrou, em colaboração com seu pai e mestre, trabalhos pioneiros. Mas seguia com grande atenção a bibliografia portuguesa e dedicava aos seus colegas geógrafos e geólogos uma amizade que a sua personalidade atraente tornava em extremo cordial.

Afinal, FRANCISCO HERNÁNDEZ-PACHECO foi um homem de Ciência que deveu os seus êxitos tanto à educação que recebeu do pai como a uma insuperável bondade e simpatia humana. ALFREDO HERNÁNDEZ-PACHECO, trabalhando embora no campo mais distante da Petroquímica das rochas endógenas e sedimentares, é herdeiro de um nome ilustre, que já tem honrado com os seus trabalhos. Chamando a atenção para uma figura tutelar da Geografia e da Geologia espanholas, ao recordar

o desaparecimento de um companheiro muito querido, deixo em *Finisterra* um apelo para uma colaboração mais estreita e mais fecunda entre a Ciência de ambos os estados peninsulares, comuns na terra ainda que separados na história.

*ORLANDO RIBEIRO*